

Polissemia e interdiscursividade nos cartuns de Bruno Drummond: uma abordagem linguístico-discursiva

André Crim Valente^a

Resumo

O estudo aqui apresentado utiliza uma abordagem linguístico-discursiva dos cartuns de Bruno Drummond. Estabelece, inicialmente, uma distinção, no campo do humor gráfico, entre charge, cartum e caricatura. A seguir, destaca as características do cartum. Para a análise do corpus, recorre-se aos conceitos de polissemia e interdiscursividade estabelecendo a diferença entre esta e a intertextualidade. Na fundamentação teórica do humor gráfico, priorizam-se as considerações de Teixeira (2001 e 2005) e do autor (2007) em análise. No que respeita ao binômio interdiscursividade/intertextualidade, dá-se destaque aos estudos de Jenny (1979), Orlandi (2001) e Fiorin (2003). Na abordagem da polissemia, na comparação com a homonímia e a sinonímia, valorizam-se as obras de Borba (1970), Gonzáles et al. (1989). Por fim, também deram suporte à análise do corpus as considerações de Charaudeau (no prelo) sobre inferências discursivas.

Palavras-chave: humor; língua; discurso; polissemia; interdiscurso.

Recebido em: 09/07/2019.

Aceito em: 19/08/2019.

^a Professor de Língua Portuguesa no Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: prof.acvalente@gmail.com.

Introdução

A integração dos estudos sobre léxico e discurso tem norteado pesquisas e produção acadêmica de alguns analistas da linguagem midiática. Incluo-me entre eles na condição de membro do CIAD (Círculo Interdisciplinar de Análise do Discurso) e do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL. O trabalho de pesquisa nos dois grupos consolidou, em meus estudos, a abordagem de *corpus* em uma perspectiva linguístico-discursiva. Tal opção é a de um professor de Língua Portuguesa, cuja práxis estabelece constante diálogo com teorias linguísticas no campo semântico-discursivo.

Na minha trajetória de professor-pesquisador, tenho trabalhado com as linguagens literária e midiática. Desta costumo utilizar como *corpus* de análise manchetes jornalísticas, anúncios publicitários, letras de música, charges, cartuns, tirinhas e quadrinhos. Para o artigo da revista *Gragoatá*, em homenagem ao mestre Patrick Charaudeau, tomei como desafio a constituição de um *corpus* especial à altura do homenageado e da publicação. Tenho grande admiração pelo trabalho do cartunista Bruno Drummond e utilizo seus cartuns em aulas e palestras, com excelente retorno de plateias várias. Pedi-lhe autorização para incluí-los neste artigo, e a resposta foi positiva. Será, portanto, a primeira vez de uma publicação acadêmica da minha leitura da obra de Bruno Drummond. Por ser uma abordagem de caráter linguístico-discursivo, fez-se um recorte teórico que privilegiasse a polissemia e o interdiscurso bastante presentes na construção do humor crítico do cartunista. Nas considerações teóricas, serão apresentadas visões distintas – e, às vezes, divergentes – de tais conceitos. A polissemia terá uma descrição em comparação com a homonímia, e a sinonímia e a interdiscursividade, com a intertextualidade.

Para a análise do *corpus*, foi necessário estabelecer premissas teóricas a respeito de charges, cartuns e caricaturas com propósito de distinguir tais criações gráficas e priorizar a opção do autor. Bruno Drummond apresenta-se como cartunista. Charge e cartum são tomados, às vezes, como sinônimos, o que não encontra respaldo entre autores e estudiosos do humor gráfico. Far-se-á aqui uma distinção bem clara entre os dois tipos.

1. O humor gráfico

As diversas pesquisas acadêmicas sobre humor gráfico publicado em jornais e revistas costumam abordar, prioritariamente, quadrinhos, tiras e tirinhas. São menos frequentes os estudos comparativos a respeito de charges, cartuns e caricaturas, que terão destaque neste artigo, com suas semelhanças e diferenças, conforme as apresenta Teixeira (2005) ao afirmar que dos três gêneros gráficos que se apropriam da realidade para expressá-la por meio do traço de humor:

- a charge é o mais sofisticado, pois conta e resume histórias reais de modos e maneiras convincentemente irreais(p. 91);
- a caricatura é a mais ousada, pois mexe nas superfícies anatômicas do sujeito real para reproduzi-las em profundidade como exterioridades de sua identidade corporal (p. 101);
- o cartum é o mais livre e criativo, e também o mais anárquico, porque é aquele que explora e vai fundo no delírio de ser, como fonte de consciência individual e como objeto de comportamento social (p.118).

As similitudes e particularidades da charge, do cartum e da caricatura têm excelente síntese no quadro proposto na figura 1:

Fig. 1: Quadro síntese

Charge	mundo real	→	mundo fictício
	sujeito	→	personagem
<hr/>			
Cartum	mundo fictício	→	mundo fictício
	personagem	→	personagem
<hr/>			
Caricatura	mundo real	→	mundo real
	sujeito	→	sujeito

Fonte: TEIXEIRA, 2005, p.128.

A respeito da caracterização da charge e do cartum, Ique, na Mesa-Redonda *O processo de criação das charges* com Aroeira e mediação de André Valente, afirmou que:

Na verdade, a grande diferença é que você pode fazer um cartum sem referência temporal. Então o cartum na verdade é normalmente sobre crítica de costumes; a piada da ilha deserta, a do ceguinho que atravessa rua, isso normalmente é cartum. Uma revista em quadrinhos é um cartum. Eu, por exemplo, li o Cebolinha quando era adolescente e o meu filho, com certeza, vai ler também e, se repetirem a mesma história da minha adolescência, ele vai entender. A charge está ligada ao momento, é por isso que às vezes eu esqueço de determinada charge que eu fiz e tenho que voltar lá ao assunto que me motivou para eu poder me lembrar. Então, o assunto e a data marcados na caricatura é que fazem a diferença entre a charge e o cartum (Ique*apud* VALENTE, 2001, p.167-168).

Para consecução dos objetivos aqui propostos, considera-se fundamental a consideração de Teixeira sobre cartum:

O cartum é um desenho de humor e crítica, um veículo de comunicação social que provoca ao mesmo tempo o riso e a reflexão, articulando dois níveis simultâneos de leitura: na forma, que provoca o riso como prazer de ver, e no texto, que produz consciência como prazer de ler. Além da razão, tal como a charge, ele propõe uma síntese funcional da política, da realidade e da cultura, sob o ponto de vista exclusivo da reflexão e do humor. Entretanto, ao contrário dela e da caricatura – que se debruçam sobre um sujeito real para criticá-lo ou copiá-lo –, o objetivo do cartum é priorizar a sátira política ou existencial em detrimento de particularidades de sujeitos singulares (2005, p. 103).

Ao estudar gêneros do humor nos quadrinhos, Ramos (2014, p.68) aborda tira, charge e cartum e ressalta que o último “é, seguramente, o menos estudado academicamente.” Observa que há uma “diferença central entre o cartum e a charge, visão compartilhada também por quem os produz” (2014, p.69). Destaca, ainda, que o Salão Internacional de Humor de Piracicaba (regulamento, 2013) estabelece as seguintes regras:

- charge – humor gráfico com temas jornalísticos da atualidade;
- cartum – humor gráfico com temas universais e atemporais.

Conclui, então, Ramos (2014, p.69) que “os desenhistas que pretendiam se inscrever no Salão daquele ano teriam que se adequar a essas marcas genéricas. Do contrário, correriam o risco de terem os trabalhos recusados pelo júri de seleção.”

Sobre a caracterização do cartum e a construção do humor, Davies (2011, p.93) faz uma comparação entre cartuns, caricaturas e piadas, observando que “recorrem, geralmente, a temas comuns, mas são fenômenos muito diferentes.” O autor registra a presença, nesses trabalhos de humor, de dois roteiros incompatíveis e opostos. Ressalta que “o primeiro roteiro é que orienta o começo da piada, mas que, na verdade, serve para desorientar. O segundo é revelado apenas no final, de forma súbita e surpreendente, mudando o sentido proposto pelo primeiro roteiro” (2011, p.93). Destaca, ainda, Davies (2011, p.93) que “isso pode acontecer rapidamente, como em uma piada de adivinhação, ou lentamente, em uma piada narrativa que se constrói em cima de história plausível, apenas para ser radicalmente desmentida no final, de maneira a explorar a incongruência”. A conclusão do autor tem capital importância para o estudo aqui apresentado: “cartuns de humor, geralmente, funcionam da mesma forma.” (DAVIES, 2011, p. 93)

Entre as definições de cartum registradas por Neiva (2013, p.88), interessa-nos sobremaneira a seguinte: “Desenho humorístico ou caricatural, espécie de anedota gráfica que satiriza comportamentos humanos, geralmente destinada a publicação jornalística.” Sobre a organização textual dos cartuns, Neiva (2013, p.88) faz a seguinte observação: “ancoram-se em uma frase de cunho verbal, explicitada numa legenda ou meramente sugerida, que dispara o efeito de crítica cômica na mente de sua audiência.”

2.Sobre o autor e sua proposta de trabalho

Formado em Desenho Industrial e com mestrado em Antropologia da Arte pela UFRJ, Bruno Drummond fez ilustrações para o jornal inglês *The Guardian*, quando morou em Londres, e já foi premiado pelo *Salão Carioca de Humor do Rio de Janeiro* e pelo *Salão Universitário Latino-Americano de Humor de Piracicaba*. Inspirado nas crônicas de costumes do Rio, feitas por mestre do cartum como J. Carlos, K. Lixto e Raul Pederneiras, estreou a coluna *Gente Fina* no jornal *O Globo*, em 2004.

Em 2008, os cartuns *Gente Fina* foram premiados no *Festival Internacional de Humor do Rio de Janeiro*. Duas coletâneas foram publicadas em livro: pela Editora Desiderata (2007) e pela Mórula Editorial (2015). Em 2013, a coluna comemorou 10 anos com um ciclo de palestras e exposições na Cidade das Artes, na Barra. Em 2015, Bruno lançou pela Editora Objetiva o *Meu livro do Rio*, em parceria com o jornalista Luiz André Alzer.

Drummond revela seu apreço pela tradição ao exaltar autores do início do século XX:

J. Carlos, Raul Pederneiras e Calixto Cordeiro foram os principais nomes desta época, e talvez nunca tenham tido a percepção de que, na intenção de fazer graça, fizeram história. Depois deles, muitos ótimos cartunistas surgiram – e ainda surgem todos os dias – embora o espaço a eles reservado nunca mais tenha sido o mesmo (2007, p.7-8).

Drummond observa que eles foram decisivos na sua formação e dedica-lhes seu livro *Gente Fina*, com a seguinte observação:

Os cartuns *Gente Fina* são uma homenagem a estes mestres. Sugam-lhes a essência na tentativa de criar algo novo, moderno e atual, com as mesmas intenções de um registro da alma carioca, através de um desenho limpo, elegante e sintético, onde a linha é o principal elemento gráfico. *Gente Fina* lança um olhar sobre os tipos da cidade e se propõe a registrar seus ridículos e seus excessos, sem a gargalhada fácil, mas com um sorriso honesto (2007, p.8).

Na obra supracitada, Drummond ressalta a importância de Calixto Cordeiro ou K.Lixto – como assinava os seus desenhos – na sua trajetória profissional. Destacamos, na figura 2, um trabalho de K.Lixto publicado em 1913, como registra Saliba (2002, p. 68).

Fig. 2: Desenho de K.Lixto

Os impasses da passagem da Monarquia à República vistos pelo ângulo humorístico da ausência ou da recriação de significados. ("15 de novembro", desenho de K. Lixto para a capa da revista Fon-Fon!, 13.11.1913.)



"15 NOVEMBRO

A Monarquia — Não é por falar mal, mas com franqueza... eu esperava outra coisa.

A República — Eu também!"

Fonte: Saliba, 2002, p. 68.

3. Aspectos semânticos: a polissemia

Trago aqui a síntese de dois estudos por mim desenvolvidos, em épocas diferentes, sobre aspectos semânticos. O primeiro, *linguagem e significação*, está na obra *A linguagem nossa de cada dia*, de minha autoria, em que abordo os cinco aspectos semânticos. O segundo, *Aspectos semânticos em charges e cartuns*, na obra organizada por Azeredo (2001), traz um aprofundamento do primeiro com ampliação da fundamentação teórica.

3.1 Primeiro estudo (VALENTE, 1997, p.189)

A Semântica Descritiva, ao tratar da significação num dado momento, busca ressaltar dois pontos:

1º) a existência dos planos denotativo e conotativo da linguagem:

denotação – sentido real

conotação – sentido figurado

Ex.: *olhos estrábicos* (sentido denotativo)
pés estrábicos (sentido conotativo)

2º) as relações existentes entre o significante e o significado da palavra (signo verbal).

Com base nos elementos prefixais (*poli, homo, sin, anti, paro*), podem-se fazer, inicialmente, as seguintes correspondências:

- 1) Polissemia: um significante com vários significados;
- 2) Homonímia: significantes iguais* com significados diferentes;
- 3) Sinonímia: significantes diferentes com significados iguais;
- 4) Antonímia: significantes diferentes com significados opostos;
- 5) Paronímia: significantes parecidos com significados diferentes.

* A igualdade pode verificar-se no plano do significante ou no do significado. No primeiro caso, chama-se homonímia; no segundo, sinonímia.

3.2 Segundo estudo (VALENTE, 2001, p.138-140)

Polissemia, Homonímia, Sinonímia

A polissemia é, segundo Borba (1970, p.282), “a propriedade que a palavra tem de assumir significações diversas conforme o contexto em que aparece.” É definida por Genouvrier e Peytard (1973, p.320) “como o contrário da sinonímia, já que se trata do relacionamento de um só significante com vários significados [...] há polissemia quando uma só palavra (ou sintagma ou lexia) está carregada de vários sentidos.” Palmer (1976, p.82) estuda, comparativamente, polissemia e homonímia e, na tentativa de estabelecer a diferença, afirma que “se uma forma tem vários significados, nem sempre se pode dizer com segurança se se trata de um exemplo de polissemia (existe uma palavra com vários significados), ou de homonímia (existem várias palavras com o mesmo significado).”

Indaga, então, Palmer:

O problema está, contudo, em decidir quando se trata de polissemia e quando se trata de homonímia. Perante uma forma escrita que tem dois significados, devemos dizer que se trata de uma palavra com diferentes significados (polissemia), ou de duas palavras diferentes com a mesma forma (homonímia)? (1976, p 83).

Há estudos semânticos que recorrem à etimologia para diferenciar polissemia de homonímia embora neles se reconheça que é difícil estabelecer a diferença. Lyons (1982, p. 142) chega a sugerir que se deve deixá-la de lado, mas vários autores utilizam a sincronia e a diacronia. Gonzales, Hervás e Báez afirmam que homonímia e polissemia:

são fenômenos semânticos que se relacionam. A homonímia pode chegar a ser polissemia, e a polissemia, homonímia. Ambas pertencem ao mesmo caso de significação múltipla: um significante com vários significados. É difícil traçar uma linha divisória entre ambas.

Se as palavras coincidem foneticamente em sua evolução histórica (coincidência de estrutura fonológica), dá-se a *homonímia* (que é um fenômeno *diacrônico*).

Sincronicamente, a homonímia é uma polissemia, numa palavra com duas significações.

Diacronicamente, trata-se de dois semas que não têm nada em comum, mas estão ligados ao mesmo monema. (tradução nossa¹) (1989, p.75)

¹ Son fenómenos semânticos que se relacionan. La homonímia puede llegar a ser polisemia y la polisemia, homonímia. Ambas pertenecen al mismo caso de significación múltiple: un significante con varios significados. Es difícil trazar una línea divisória entre ambas.

Si las palabras coinciden fonéticamente en su evolución histórica (coincidencia de su estructura fonológica) se da la *homonímia* (que es un fenómeno *diacrónico*).

Sincrónicamente la homonímia es una polisemia, una palabra con dos significaciones.

Diacrónicamente se trata de dos semas que no tienen nada en común, pero que están ligados al mismo monema.

4. A interdiscursividade e a intertextualidade

4.1 Intertextualidade

Para Charaudeau e Maingueneau (2004, p.288-289), a intertextualidade “designa ao mesmo tempo uma propriedade constitutiva de qualquer texto e o conjunto de relações explícitas ou implícitas que um texto ou um grupo de textos determinado mantém com outros textos. Na primeira acepção, é uma variante da interdiscursividade.”

Eles distinguem uma **intertextualidade interna** (entre um discurso e aqueles do mesmo campo discursivo) e uma **intertextualidade externa** (com os discursos de campos discursivos distintos, por exemplo, entre um discurso teológico e um científico).

Jenny (1979, p.14) considera a **Intertextualidade Interna** aquela em que o autor cita a si próprio e a **Intertextualidade Externa** aquela em que o autor cita outro(s) autores(s). Acrescenta que “[...] a intertextualidade designa não uma soma confusa e misteriosa de influências, mas o trabalho de transformação e assimilação de vários textos, operado por um texto centralizador, que detém o comando de sentido.”

A intertextualidade subdivide-se em **Explícita** (citação na íntegra de verso(s), provérbio, fragmentos de texto) ou **Implícita** (citação parcial, modificada). A Intertextualidade Externa é mais utilizada que a Interna, e a Implícita tem mais complexidade que a Explícita. (VALENTE, 2002, p.181)

4.2. Interdiscursividade

Após as considerações sobre a intertextualidade, faz-se agora uma transição para a interdiscursividade. Em ambos os casos, pode-se falar na existência de um diálogo: naquela, de textos; nesta, de discursos. Reyes afirma que:

Todo discurso forma parte de uma história de discursos: todo discurso é a continuação de discursos anteriores, a citação explícita ou implícita de textos prévios. Todo discurso é suscetível, por sua vez, de ser inserido em novos discursos, de formar parte de uma classe de textos, do *corpus* textual de uma cultura. A intertextualidade, junto com a intencionalidade comunicativa, é requisito indispensável do funcionamento discursivo (tradução nossa²) (1984, p.42-43).

Cabe observar que o conceito de intertextualidade foi revisto e aprofundado com a divulgação das ideias de Bakhtin no Ocidente. Na relação dela com a interdiscursividade, Segre registra que reserva o termo Intertextualidade para referir as relações entre texto e texto, “enquanto o termo Interdiscursividade designa as mais difusas conexões que todo texto, oral ou escrito, mantém com todos os enunciados (ou discursos) registrados na correspondente cultura e ordenados ideologicamente” (SEGRE apud REIS, 1995, p.186).

Em estudo ainda no prelo, Charaudeau faz, antes de abordar a interdiscursividade, importante consideração sobre a construção de sentidos no enunciado:

As palavras que compõem os enunciados em situação de comunicação são investidas dos sentidos que lhes são atribuídos pelos sujeitos falantes, quando de suas trocas,

² Todo discurso forma parte de una historia de discursos: todo discurso es la continuación de discursos anteriores, la cita explícita o implícita de textos previos. Todo discurso es susceptible, a su vez, de ser injertado en nuevos discursos, de formar parte de una clase de textos, del *corpus* textual de una cultura. La intertextualidad, junto con la intencionalidad comunicativa, es requisito indispensable del funcionamiento discursivo. (REYES, 1984, p.42-43)

sentidos que atestam diferentes saberes que circulam nos grupos sociais e de que os locutores se impregnam (CHARAUDEAU, no prelo).

A seguir, aborda o aspecto interdiscursivo ao tratar da interpretação:

São saberes mais ou menos compartilhados, e quando das trocas, os sujeitos interpretantes mergulham nesses saberes para proceder a inferências. Esses saberes, por sua vez, são carregados de discursos anteriores, e é referindo-se, explicitamente ou implicitamente, conscientemente ou inconscientemente, a esses discursos selecionados por cada sujeito interpretante, que são orientadas as interpretações. Esta é uma problemática bem conhecida de *interdiscursividade*, quer receba o nome de *dialogismo* (Bakhtin), *intertextualidade* (Genette) ou *pertinência* (Sperber e Wilson). (CHARAUDEAU, no prelo).

Já Orlandi define com muita precisão o interdiscurso levando em conta o traço de apagamento na memória:

O interdiscurso é todo conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isso é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular, separe na memória para que, passando para o “anonimato”, possam fazer sentidos “minhas” palavras (2001, p.33).

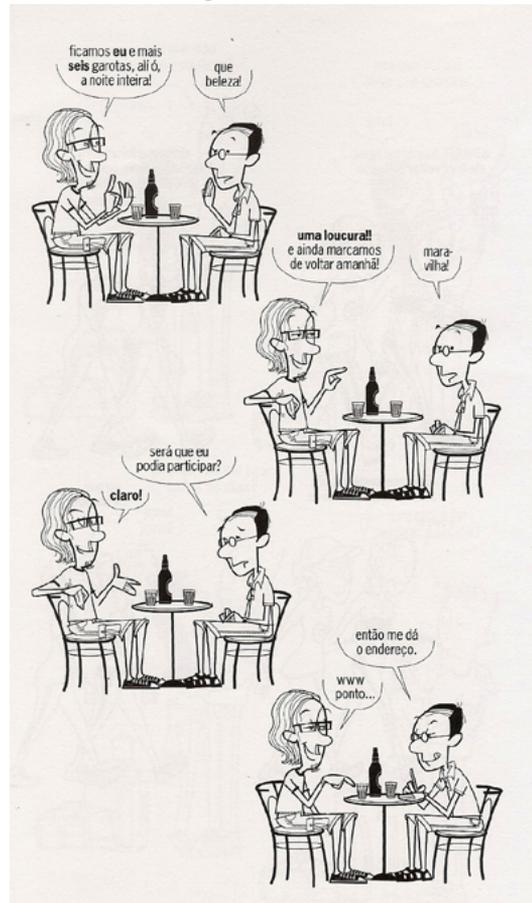
Nas distinções Intertexto/Interdiscurso e Intertextualidade/Interdiscursividade, Fiorin(2003, p.35) observa que ambos os fenômenos se referem “à presença de duas vozes num mesmo segmento discursivo e textual.” Considera a Intertextualidade “um processo de incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo”, e vê a interdiscursividade como “o processo em que se incorporam percursos temáticos ou figurativos, temas e/ou figuras de um discurso em outros”. Conclui que a Interdiscursividade não implica a Intertextualidade, “embora o contrário seja verdadeiro, pois, ao se referir a um texto, o enunciador se refere, também, ao discurso que ele manifesta.”

6. Corpus e análise

O *corpus* é constituído de oito cartuns: dois retirados do livro *Gente Fina*; seis, da *Revista ELA/O Globo* do jornal *O Globo*.

A análise, conforme as considerações feitas na parte teórica, dará prioridade às noções de polissemia e interdiscursividade.

Fig. 3: Cartum A



Fonte: DRUMMOND, 2007, p.24.

O cartum A explora o interdiscurso “conversa de homem” quase sempre localizado em redutos tipicamente masculinos (no caso, mesa de bar). As críticas das mulheres às conversas de homem surgiram há, pelo menos, cinco décadas. As queixas femininas costumavam apontar três assuntos recorrentes nas falas masculinas: mulher, cerveja e futebol. O primeiro deles é explorado pelo cartum ao sugerir a realização de uma orgia com várias mulheres (seis garotas) para um único homem, que, até a penúltima fala, é apresentado como grande conquistador, como demonstram as linguagens verbal e não verbal. Observe-se que o interlocutor fica de “boca aberta”, “queixo caído” e, antes da revelação do endereço, “lambe os beiços”.

O signo verbal “endereço” remete a duas leituras:

- 1ª) o local da orgia para o interlocutor;
- 2ª) o *site* do encontro para o falso conquistador.

Subjaz, na conclusão do cartum, outro interdiscurso em consonância com os novos tempos. Na atualidade, tudo se fez ou se resolve na internet: até sexo.

Fig. 4: Cartum B



Fonte: DRUMMOND, 2007, p.26.

O cartum B explora, inicialmente, a mudança comportamental, na atualidade, de alguns homens, a chamada “onda metrosssexual”, o que gera fortes reações contrárias no meio masculino. Quem questiona considera – e aí está o interdiscurso – coisa de “boiola”. Subjaz a ideia de que “homem que é homem não faz unha nem depila peito”: tem de ser macho. A sequência textual sugere que o questionador vai aderir ao discurso machista na consideração sobre homem não poder ter frescura. A expressão “pra você” remete a duas leituras possíveis: na sua opinião e da sua preferência. O segundo sentido é corroborado pela fala final “eu prefiro mulher”.

Assim, a frase “homem pra você não pode ter frescura” é ressignificada. Em vez de “homem, na sua opinião, não pode ter frescura”, passa a significar “Homem pra você, que prefere homem, não pode ter frescura”.

Fig. 5: Cartum C

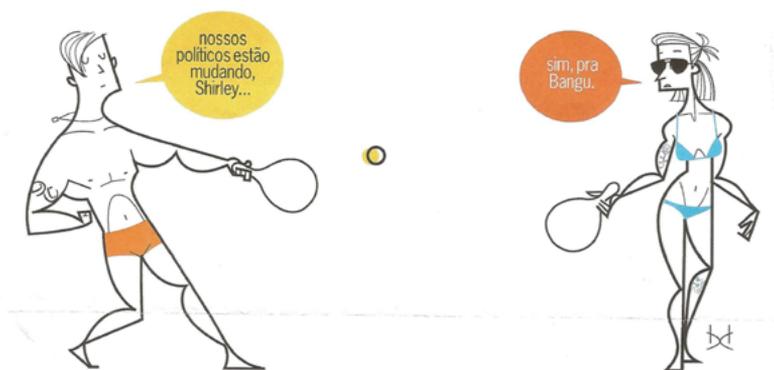


Fonte: Revista ELA, O Globo, 22/01/2017.

Em razão de seu caráter polissêmico, a palavra-chave do cartum C é “conexão”. Como se viu nos pressupostos teóricos, a linguagem verbal tem prevalência sobre a não verbal na construção da mensagem. No caso, as duas linguagens estão imbricadas de tal forma que a primeira fica indissociável da segunda. As duas falas, por si sós, não permitiriam a duplicidade semântica. Os signos não verbais são decisivos para o entendimento do texto. A expressão facial de desalento e o olhar não dirigido ao homem dão significado ao termo “conexão” no campo amoroso, enquanto o olhar masculino para o celular dá-lhe outro sentido, no campo internético.

Seja em livro ou na *Revista O Globo/ ELA* do jornal *O Globo*, Bruno Drummond tem publicado cartuns convidando os leitores para reflexões sobre a influência da Internet nas nossas vidas. Seus trabalhos são bastante críticos à dependência excessiva dos usuários das redes sociais. O interdiscurso do vício, do apego total, é explorado pelo autor nos seus trabalhos. A onipresença internética, materializada hoje em *tablets* e *smartphones*, permeia as relações humanas gerando novos comportamentos, para o bem e para o mal.

Fig. 6: Cartum D

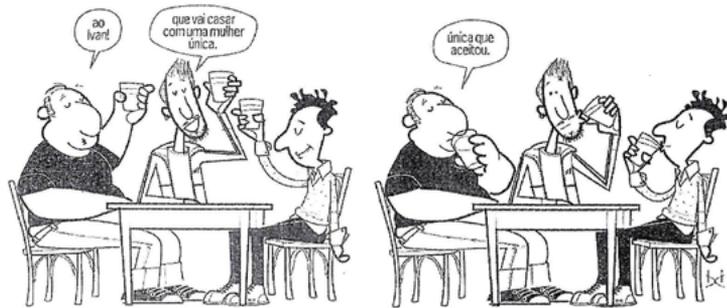


Fonte: Revista ELA, O Globo, 12/02/2017.

O cartum D constrói o humor com o signo polissêmico “mudando” que admite as seguintes leituras: “transformando-se” e “deslocando-se (para outra região)”. O signo traz no seu bojo, na primeira leitura (na fala masculina), a ideia de “mudança para melhor” com base no interdiscurso de que “a classe política não vale nada, é corrupta”, com a costumeira generalização falsa. Cria-se, então, a expectativa de melhoria dos políticos, o que não se corrobora na fala final (feminina), em que o signo “Bangu” também admite dupla leitura: o bairro e a penitenciária. A ideia de “bairro” (numa região praiana), no primeiro momento, encontra apoio na caracterização das personagens por meio da linguagem não verbal (jogo de frescobol, roupas de banho) que sugere a praia como local do encontro. Bangu, o bairro, não tem praia, o que sugere a leitura de “mudança para longe da área litorânea, para o subúrbio”.

A ironia discursiva manifesta-se, no segundo momento, por meio do entendimento do signo verbal “Bangu” como penitenciária, para onde foram levados políticos acusados de corrupção. Conseqüentemente, com o valor negativo do signo, prevalece a visão de que os nossos políticos estão mudando para pior: a quebra da expectativa desfaz a esperança de dias melhores.

Fig. 7: Cartum E



Fonte: Revista ELA, O Globo, 17/07/2011.

A cena recorrente em cartuns de Bruno Drummond, homens na mesa de um bar, revela, mais uma vez, a perspectiva masculina. A questão linguística é, no caso, decisiva para interpretação do cartum E. O signo linguístico “única” funciona como adjetivo no primeiro quadro (modifica o substantivo “mulher” no sintagma nominal “mulher única”) e como substantivo na expressão “única que aceitou” (é modificado pela oração adjetiva “que aceitou”). A distinção morfossintática em relação ao termo “única” não constitui caso de homonímia uma vez que não são duas palavras originariamente distintas, como ocorre com o substantivo “canto” (de origem grega, significando “quina”, “ângulo”) e “canto” (de origem latina, a forma verbal de primeira do singular). A mesma origem de “único” embasa o seu caráter polissêmico.

O autor combina polissemia e interdiscurso na desconstrução da imagem inicial de valor positivo: uma mulher especial, diferente. Tal visão dá ao personagem Ivan uma condição privilegiada. O valor interdiscursivo surge na ideia de que o casamento é um evento tão especial na vida de um homem que ele merece uma “mulher única”. A fala final, ao quebrar a expectativa, apresenta o personagem como uma imagem negativa, totalmente oposta.

Fig. 8: Cartum F



Fonte: Revista ELA, O Globo, 09/04/2017.

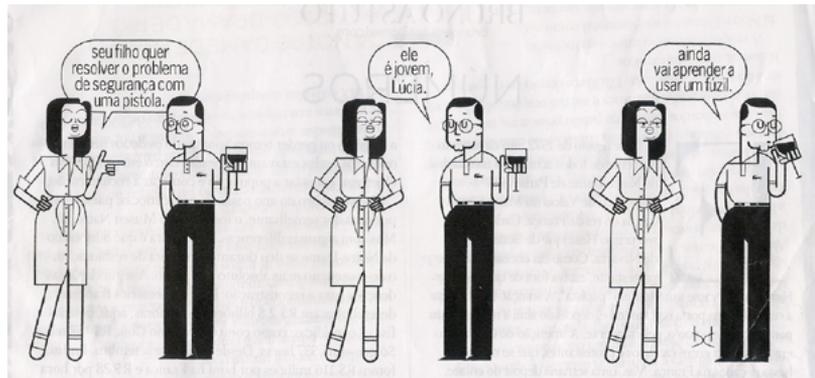
No plano linguístico, o cartum F explora o caráter polissêmico do signo verbal “arrumar” em consonância com o valor interdiscursivo do “conflito de gerações”. A polissemia indica dois significados para o verbo:

- a) na fala do filho, significa “consertar”, “dar jeito”;
- b) na fala da mãe, significa “pôr em ordem”, “organizar”.

Deve-se destacar que o segundo é o significado primário, denotativo, enquanto o primeiro tem valor discursivo. Cabe observar que a quebra de expectativa decorre da fala materna uma vez que, na sequência textual, a fala filial expressa um projeto político de valor positivo (chegada ao poder, choque de gestão, arrumação do país).

A ironia discursiva manifesta-se no questionamento da mãe ao denunciar a incapacidade de o filho resolver problemas imediatos, do cotidiano (o uso do vocativo “garoto” reforça a crítica) e ter a pretensão de salvar o país. Há, também, a exploração do interdiscurso “onipotência dos jovens” em contraste com o enfrentamento da realidade de forma mais madura.

Fig. 9: Cartum G



Fonte: Revista ELA, O Globo, 21/04/2019.

O cartum G explora o interdiscurso da maturidade que vem com o passar do tempo, o que não se encontra na juventude, período normalmente identificado com imediatismo, afoiteza, açodamento. A crítica da mãe ao filho que quer recorrer à violência para resolver problema de segurança, com uso de pistola, é, aparentemente, atenuada pelo pai com a expressão-chave do trabalho: “ele é jovem”.

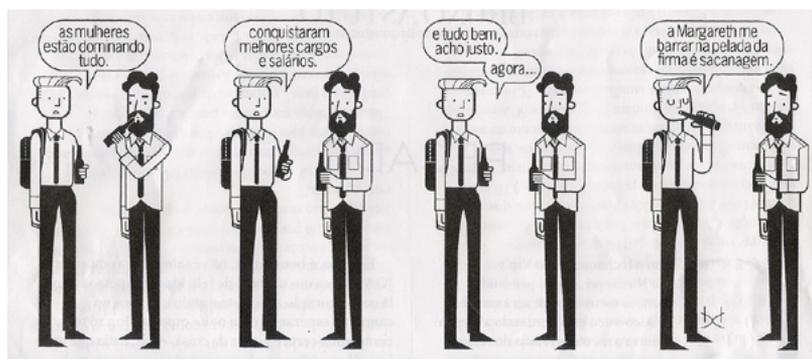
A primeira leitura, com base no interdiscurso, sugere que a fala paterna aponta para um provável amadurecimento do filho, motivo de tranquilidade para a mãe. Deve-se observar que a expressão “seu filho”, no convívio conjugal, costuma ser empregada com caráter excludente quando um dos membros do casal repudia ação de filho(a).

A quebra de expectativa da fala paterna, no final do cartum, indica:

- a) uma gradação na violência → de pistola para fuzil;
- b) um paralelismo → pistola está para juventude como fuzil para vida adulta.

Com base no exposto na fundamentação teórica sobre características do cartum, cabe ressaltar que não há identificação direta, como na charge e na caricatura, com pessoas ou situações da realidade. Pode-se, no entanto, identificar a violência incentivada pelo governo brasileiro de então.

Fig. 10: Cartum H



Fonte: Revista ELA, O Globo, 30/06/2019.

O cartum H explora o interdiscurso da participação da mulher na sociedade atual. Explora, inicialmente, as condições de trabalho antes desfavoráveis – salários menores e ausência em cargos importantes – e sinaliza para uma conquista feminina na atualidade: melhores cargos e salários. Sobre essa questão, ainda há muita denúncia das mulheres a respeito da discriminação profissional em várias empresas não obstante terem a mesma formação acadêmica e idêntico percurso dos homens, colegas de trabalho.

A construção do humor explora a nova trajetória da mulher (domínio de tudo, conquista profissional), o reconhecimento do homem (acha justo), mas só até certo ponto: não admite a barração na pelada, outrora reduto tipicamente masculino. Cabe destacar o caráter polissemico do signo “barrar”. Pode significar “impedir, não permitir a entrada” ou “substituir, excluir do grupo”. Pelo contexto do cartum, a segunda leitura tem prioridade, o que encontra reforço no campo discursivo uma vez que o cartum foi publicado durante a realização da Copa do Mundo de futebol feminino, realizada na França. Cada vez mais as mulheres vêm-se destacando em uma área considerada reduto masculino. A jogadora brasileira Marta já foi eleita seis vezes melhor jogadora do mundo, e o interesse pelo futebol feminino teve crescimento extraordinário e a audiência da Copa da França foi recorde.

Conclusão

Nas pesquisas acadêmicas sobre o humor em suas diversas modalidades, surgiram trabalhos de caráter linguístico, de cunho semiótico ou de olhar discursivo. Ao encerrar seu estudo sobre o humor com base na língua e no discurso, Possenti (2010, p.180) faz um convite e uma projeção: “Há muito trabalho por fazer!” Com ele concordamos e, por meio deste artigo, pretendemos trazer mais uma contribuição aos estudos sobre humor gráfico ao analisarmos os cartuns de Bruno Drummond.

Fez-se uma opção, em consonância com a trajetória do professor-pesquisador, por uma abordagem linguístico-discursiva. Com base em um recorte no suporte teórico, foram selecionadas, para a análise do *corpus*, a polissemia (na área da língua) e a interdiscursividade (no campo do discurso). Tal opção decorreu do fato de já termos feito análises de cartuns do autor em aulas e palestras e neles encontrarmos os valores polissêmico e interdiscursivo.

A análise do *corpus* buscou explorar tais valores com base na perspectiva de que o trabalho de Bruno Drummond se insere na linha do humor crítico. Possenti(2010, p.177) observa que, analogamente ao que ocorre no campo literário, “dever-se-ia encarar a questão da autoria no humor”. Acrescenta, ainda, que “como os literatos, embora em menor escala, os humoristas explicam os seus trabalhos, eventualmente, sua rotina, especulam sobre o lugar do humor, sua função, debatem concepções e tendências etc.”

Vimos que Bruno Drummond levou em conta o binômio tradição/modernidade na sua formação, o que revela uma opção por uma vertente humorística delineada no início do século XX. Drummond deu sequência ao que fizeram os precursores e aos que chegaram ao auge (Millôr, Jaguar, Ziraldo, Henfil etc.) no saudoso *O Pasquim* (lançado em 1969). Atualmente, se os cartunistas não têm a mesma notoriedade como os do início do século XX, conforme lembrou Drummond, podemos reconhecer que, às vezes, aparecem na primeira página ao lado dos editoriais, o que comprova o alto valor do humor gráfico.

Convém ressaltar que, na atualidade, o humor sutil entra em choque com a obrigatoriedade do riso, vulgarizado em

uma época caracterizada pelo nivelamento por baixo. Sobre o assunto, deve-se salientar a crítica contundente de Minois (2003, p. 594):

Resta saber se esse riso comercializado não é adulterado, como aquele produzido pelo protóxido de azoto, ou “gás hilariante” muito conhecido pelos adeptos das *raveparties*, se o uso habitual dessa droga não tem efeitos secundários inquietantes, se o riso obrigatório não corre o risco de matar o verdadeiro riso, o riso livre. Rir de tudo é conformar-se com tudo, abolir o bem e o mal em benefício do *cool*. Seria a última desforra de um diabo moribundo que submerge o mundo num delírio de derrisão?

Os cartuns de Bruno Drummond, “sem a gargalhada fácil, mas com um sorriso honesto”, revelam uma opção pela vertente de crítica social aliada a uma intervenção de cunho político. O autor alinha-se aos colegas que entendem o humor filosoficamente, como reflexão sobre a condição humana. Tais autores têm o seguinte mote: “humor é coisa séria.” Nosso autor leva-nos, por meio dos seus personagens, a repensar nosso convívio social, põe em xeque questões comportamentais, denuncia preconceitos e arbitrariedades, o que pode ser sintetizado na máxima “só dói quando eu rio.” Para encerrarmos nosso estudo, recorreremos às palavras que Bruno Drummond usou para definir o seu ofício ao falar de seus mestres: “Mais do que imagens, cartunistas criam almas e espíritos” (2007, p.7).

REFERÊNCIAS

BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos estudos linguísticos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurs*. São Paulo: Contexto, 2004.

CHARAUDEAU, P. Compreensão e interpretação. Interrogações em torno de dois modos de apreensão do sentido nas ciências da linguagem. In: ACHARD-BAYLE, G.; GUÉRIN, M.; KLEIBER, G.; KRYLYCHIN, M. (dir.) *Lessciencesdulangageetlaquestion de l'interprétation(aujourd'hui)*. Paris: LesÉditions Lambert-Lucas. No prelo.

DAVIES, C. Cartuns, caricaturas e piadas: roteiros e esteriótipos. In: LUSTOSA, I. (org.). *Imprensa, humor e caricatura: a questão dos esteriótipos culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DRUMMOND, B. *Gente Fina*. Rio de Janeiro: Desiderata, 2007.

FIORIN, J. L. *Polifonia textual e discursiva*. IN: BARROS, D.L. de P.; FIORIN, J.L. (orgs.), *Dialogismo, Polifonia e Intertextualidade*. São Paulo: EdUSP, 2003.

GONZÁLES, A.R.F., HERVÁS, S. e BAEZ, V. *Introducción a la semántica*. Madrid: Cátedra, 1989.

GENOUVRIER, Emile & PEYTARD, Jean. *Linguística e ensino do português*. Trad. Rodolfo Ilari. Coimbra: Livraria Almedina, 1973.

IQUE (Mesa-redonda com Ique e Aroeira). *O processo de criação das charges*. In: AZEREDO, J.C. de (org.). *Letras e comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2001.

JENNY, L. A estratégia da forma, in *Poétique* no. 27. Coimbra: Almedina, 1979, p. 257-281.

LYONS, John. *Linguagem e linguística*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

MINOIS, G. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

NEIVA, E. *Dicionário Houaiss de comunicação e multimídia*. São Paulo: Publifolha, 2013.

ORLANDI, E. P. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2001.

PALMER, F.R. *A semântica*. Lisboa: Edições 70, 1976.

POSSENTI, S. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.

RAMOS, P. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.

RAMOS, P. Gêneros do humor nos quadrinhos. IN: LINS, M^a da P.; CAPISTRANO Jr., R. (orgs.) *Quadrinhos sob diferentes olhares teóricos*. Vitória: PPGEL-UFES, 2014, p. 65-86.

REIS, C. *O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários*. Coimbra: Almedina, 1995.

REYES, G. *Polifonia textual: lacitación em el relato literario*. Madrid: Gredos, 1984.

SALIBA, E.T. *Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

TEIXEIRA, L.G.S. *O traço como texto: a história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930*. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 2001.

_____. *Sentidos do humor, trapaças da razão: a charge*. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 2005.

VALENTE, A.C. *A linguagem nossa de cada dia*. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Aspectos semânticos em charges e cartuns. In: AZEREDO, J.C. de (org.). *Letras e comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. Intertextualidade: aspectos da textualidade e fator de coerência. In; HENRIQUES, C.C.; PEREIRA, M.T.G. *Língua e transdisciplinaridade: rumos, conexões, sentidos*. São Paulo: Contexto, 2002.

Abstract

Polysemy and interdiscursivity in Bruno Drummond's cartoons: a linguistic-discursive approach

The study presented here makes a linguistic-discursive approach to Bruno Drummond's cartoons. It establishes, initially, a distinction, in the field of graphic humor, between charge, cartoon and caricature. Next, it highlights the characteristics of the cartoon. For the corpus analysis, it employs the concepts of polisemy and interdiscursivity establishing the differences between the latter and the concept of intertextuality. In the theoretical basis of graphic humor, the considerations of Teixeira (2005) and the author under analysis (2007) are prioritized. As regards the interdiscursivity / intertextuality binomial, the studies of Jenny (1979), Dallenbach (1979) and Fiorin (2003) are highlighted. In the approach of polysemy, in comparison with homonymy and synonymy, the works of Borba(1970) and Gonzáles et al.(1989) are valued. Finally, the corpus analysis are supported by the considerations of Charaudeau (2005) regarding the concepts of sign of language and sign of discourse, as well as his observations on discursive inferences.

Keywords: humor; language; discourse; polysemy; interdiscursivity.